

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT

**TAHEREH MAFI**



**INRESTAURÁVEL**

LIVRO 4



SECRET  
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Álcool

Armas

Ataques de pânico  
e ansiedade

Ideação suicida

Morte

Racismo

Transfobia

Trauma

Violência

*Para a Jodi Reamer, que sempre acreditou*

# UM

## JULIETTE

Já não acordo a gritar. Não me sinto mal ao ver sangue. Não vacilo antes de disparar uma arma.

Nunca mais peço desculpa por sobreviver.

E, no entanto...

Assusto-me com o som de uma porta a abrir de rompante. Silêncio um grito, volto-me e, por força do hábito, levo a mão ao punho da semiautomática guardada no meu coldre axilar.

— J, temos um problema sério.

O Kenji está a olhar para mim — de olhos semicerrados — com as mãos nas ancas e de t-shirt justa no peito. Este é o Kenji zangado. O Kenji preocupado. Passaram dezasseis dias desde que conquistámos o Setor 45 — desde que me autoproclamei a comandante suprema do Restabelecimento — e tem estado calmo. Inquietantemente. Todos os dias acordo, meio aterrorizada, meio exultante, e ansiosamente à espera das missivas inevitáveis das nações inimigas que irão desafiar a minha autoridade e declarar guerra contra nós — e agora, por fim, parece que esse momento chegou. Por isso, respiro fundo, estalo o pescoço e olho-o nos olhos.

— Conta-me.



Ele aperta os lábios. Olha para o teto.

— Então, a primeira coisa que tens de saber é que isto não é culpa minha, está bem? Eu só estava a tentar ajudar.

Hesito. Franzo o sobrolho.

— O quê?

— Quer dizer, eu sabia que aquele idiota era uma mega rainha do drama, mas isto vai para lá do ridículo...

— Desculpa... o quê? — Tiro a mão da arma e sinto o meu corpo a descontrair. — Kenji, do que estás a falar? Isto não é sobre a guerra?

— A guerra? O quê? J, não estás a prestar atenção? O teu namorado está a ter um ataque de nervos e tens de ir lidar com ele, antes que eu o faça.

Suspiro, irritada.

— Estás a falar a sério? *Outra vez* este disparate? Céus, Kenji.

— Tiro o coldre e atiro-o para cima da cama atrás de mim.

— O que fizeste desta vez?

— Vês? — acusa o Kenji, a apontar para mim. — Vês... Porque és tão rápida a julgar-me, hã, princesa? Porquê assumir que fui eu que fiz algo de errado? Porquê eu? — Ele cruza os braços no peito e baixa a voz. — Sabes, há já algum tempo que queria falar contigo sobre isto, porque acho que, como comandante suprema, não podes mostrar um tratamento preferencial como este, mas é claro...

De súbito, o Kenji fica imóvel.

Ao ranger da porta, ergue as sobrancelhas; ouve-se um estalido suave e fica de olhos arregalados; depois um movimento silencioso e, de repente, fica com o cano de uma arma encostado à nuca. O Kenji olha-me fixamente, mas não emite qualquer som quando pronuncia a palavra *psicopata*, uma e outra vez.

O psicopata em questão pisca-me o olho de onde está e sorri, como se não estivesse a apontar uma arma à cabeça do nosso amigo em comum. Esforço-me para suprimir uma gargalhada.

— Vá — diz o Warner, ainda a sorrir. — Por favor, diz-me exatamente como é que ela te falhou como líder.

— *Ei...* — O Kenji levanta os braços a fingir a rendição. — Eu nunca disse que ela falhou em nada, está bem? E tu estás claramente a reagir de forma exagerada...

O Warner dá-lhe uma pancadinha na cabeça com a boca da arma.

— Idiota.

O Kenji vira-se. Arranca a arma da mão do Warner.

— Que raio se passa contigo, meu? Pensei que estávamos bem.

— Estávamos — sublinha o Warner, com um ar gelado. — Até me tocares no *cabelo*.

— Tu pediste-me para te cortar o cabelo...

— Eu não disse nada disso! Pedi-te para aparares as pontas!

— E foi o que fiz.

— *Isto* — diz o Warner, virando-se para me deixar inspecionar os danos — não é aparar as pontas, meu idiota incompetente...

Exclamo de horror. A nuca do Warner é uma confusão de cabelos irregulares de onde foram cortados pedaços inteiros.

O Kenji até se encolhe ao olhar para o seu trabalho. De seguida, aclara a garganta.

— Bem — começa, enfiando as mãos nos bolsos. — Quer dizer, seja como for, a beleza é subjetiva, meu...

O Warner aponta-lhe outra arma.

— Ei! — grita o Kenji. — Não estou para aguentar esta relação abusiva, ok? — e aponta para o Warner. — Não me inscrevi para esta merda!

O Warner não tira os olhos dele e o Kenji recua e sai da sala antes de lhe dar outra oportunidade para reagir; mas, mesmo quando solto um suspiro de alívio, volta a aparecer na porta e diz:

— Na verdade, até acho que o corte te fica bem — e o Warner bate-lhe com a porta na cara.



Sejam bem-vindos à minha nova vida como comandante suprema do Restabelecimento.



O Warner ainda está virado para a porta fechada quando expira e relaxa os ombros, e eu consigo ver ainda melhor a porcaria que o Kenji fez. Aquele cabelo dourado, espesso e deslumbrante — uma característica que define a beleza dele — chacinado por umas mãos descuidadas.

Um desastre.

— Aaron — chamo-o, com carinho.

Ele baixa a cabeça.

— Vem cá.

Ele vira-se e olha-me pelo canto do olho, como se tivesse feito algo de que se devesse envergonhar. Tiro as armas de cima da cama e abro espaço para se deitar a meu lado. Ele afunda-se no colchão com um suspiro triste.

— Estou horrível — lamenta-se, baixinho.

Abano a cabeça, de sorriso na cara, e acaricio-lhe a bochecha.

— Porque é que o deixaste cortar-te o cabelo?

Ele levanta a cabeça e olha-me perplexo com os olhos grandes e verdes.

— Disseste-me para passar tempo com ele.

Solto uma gargalhada bem audível.

— Então deixaste que o Kenji te cortasse o cabelo?

— Eu não o deixei *cortar-me* o cabelo — corrige ele, carrancudo. — Foi... — hesita — um gesto de camaradagem. Um ato de confiança que já vi praticado entre os meus soldados. Mas também — conclui ele, virando-se para o outro lado —, não é que tenha propriamente experiência em cultivar amizades.

— Bem. Nós somos amigos, não somos?



Ele sorri com o comentário.

— Sim? — Toco-lhe ao de leve com o cotovelo, para o picar.  
— Tem sido bom, não tem? Andas a aprender a ser mais simpático com as pessoas.

— Sim, bem, eu não quero ser mais simpático com as pessoas. Não me fica bem.

— Acho que te fica lindamente — refuto, com um sorriso radiante. — Adoro quando és simpático.

— É normal que digas isso. — Ele quase se ri. — Mas não me é natural ser simpático, querida. Vais ter de ser paciente com o meu progresso.

Pego-lhe na mão.

— Não faço ideia do que estás a falar. És muito simpático comigo.

O Warner abana a cabeça.

— Sei que prometi fazer um esforço para ser mais simpático com os teus amigos... e vou continuar a fazê-lo... mas espero não te ter levado a acreditar que sou capaz de algo impossível.

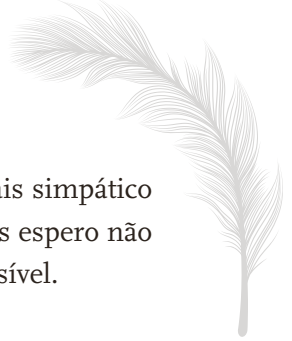
— Que queres dizer com isso?

— Só que espero não te desiludir. Com muita insistência, poderei ser capaz de mostrar algum grau de calor humano, mas quero que saibas que não tenho interesse em tratar ninguém como te trato a ti. *Isto* — ele aponta para o ar entre nós —, é uma exceção a uma regra muito rígida. — Agora olha-me nos lábios e desliza a mão para o meu pescoço. — *Isto* — repete, baixinho — é muito, muito invulgar.

Eu paro.

Paro de respirar, de falar, de pensar...

Ele mal me tocou e já sinto o coração acelerado; sou atingida por memórias que me aquecem por vagas: o peso do corpo dele no meu; o sabor da sua pele; o calor do seu toque, a forma como respira ofegante e as coisas que me disse apenas no escuro.





Sinto as veias invadidas por borboletas, que forço a sair.

Isto ainda é tão recente, o seu toque, a pele, o cheiro dele, tão recente e tão incrível...

Ele sorri e inclina a cabeça; eu imito o movimento e, com uma suave inspiração, ele entreabre os lábios e deixa-me suspensa, com os pulmões arremessados ao chão e com o desejo de lhe tocar na camisa e do que vem a seguir, quando ele diz:

— Vou ter de rapar a cabeça, sabes — e afasta-se.

Eu pestanejo, ele ainda não me está a beijar.

— E, sinceramente, só espero que ainda me ames quando voltar.

Então levanta-se e vai-se embora, deixando-me a contar com os dedos de uma mão o número de homens que matei e a maravilhar-me com o pouco que isso contribuiu para me ajudar a aguentar na presença do Warner.

Aceno uma vez com a cabeça quando ele se despede, recolho o bom senso de onde o deixei e caio de costas na cama, com a cabeça à roda do peso das complicações da guerra e da paz.



Nunca pensei que fosse exatamente fácil ser líder, mas acho que pensava que seria mais fácil do que isto:

Ando sempre atormentada pelas dúvidas sobre as decisões que tomei. Surpreendo-me demasiado cada vez que um soldado segue as minhas indicações. E fico cada vez mais aterrorizada com o facto de nós — eu — ainda termos de matar muitos e muitos mais, antes de este mundo ficar resolvido. Mas acho que é o silêncio, mais do que qualquer outra coisa, que me deixa agitada.

Já passaram dezasseis dias.

Fiz discursos sobre o que está para chegar, sobre os nossos planos para o futuro; organizámos memoriais para as vidas perdidas em batalha e estamos a cumprir as promessas de implementar



mudanças. O Castle, fiel à sua palavra, já trabalha arduamente para tentar resolver questões relacionadas com a agricultura, a irrigação e, mais urgente, a melhor forma de fazer a transição dos civis para fora dos complexos. Mas será um trabalho feito por etapas; será uma construção lenta e cuidada — uma luta pela terra que pode levar um século. Penso que todos compreendemos isso. E não me preocuparia tanto se apenas tivesse de cuidar dos civis. Mas preocupo-me, porque sei muito bem que nada pode ser feito para endireitar este mundo se passarmos as próximas décadas em guerra.

Seja como for, estou preparada para lutar.

Não é o que quero, mas irei de bom grado para a guerra, se for o que temos de fazer para mudar as coisas. Só gostava que fosse assim tão simples. Neste momento, o meu maior problema é também o mais confuso:

As guerras requerem inimigos, e eu não consigo encontrar nenhum.

Nos dezasseis dias desde que dei um tiro na testa do Anderson, não enfrentei qualquer oposição. Ninguém tentou prender-me. Nenhum outro comandante supremo me desafiou. Dos 554 setores que restam só neste continente, nem um único desertou, declarou guerra ou falou mal de mim. Ninguém protestou; o povo não se revoltou. Por alguma razão, o Restabelecimento está a alinhar.

A brincar ao faz-de-conta.

E isso enerva-me muito profundamente.

Estamos num impasse estranho e parados em ponto morto, quando estou desesperada para fazer mais. Mais pelas pessoas do Setor 45, pela América do Norte e pelo mundo como um todo. Mas este silêncio estranho desequilibrou-nos a todos. Tínhamos tanta certeza de que, com o Anderson morto, os outros comandantes supremos se iriam insurgir — que iriam comandar os seus exércitos para nos destruir — para *me* destruir. Em vez disso,



os líderes mundiais deixaram clara a nossa insignificância: ignoram-nos como fariam com uma mosca irritante, prendendo-nos num copo onde somos livres de zumbir e bater as asas partidas contra o vidro, apenas enquanto o oxigênio durar. O Setor 45 foi deixado para fazer o que lhe apetece; foi-nos concedida autonomia e autoridade para rever a infraestrutura do nosso setor sem qualquer interferência. Por todo o lado — e por todos — se finge que nada mudou no mundo. A nossa revolução ocorreu num vácuo. A nossa vitória subsequente foi reduzida a algo tão pequeno, que pode nem sequer existir.

*Jogos mentais.*

O Castle está sempre a visitar-me e a aconselhar-me. Foi ele que me sugeriu que fosse pró-ativa — que tomasse a iniciativa. Em vez de ficar à espera, ansiosa e na defensiva, devia estender a mão, disse-me. Devia dar a conhecer a minha presença. Fazer valer a minha posição, insistiu. Sentar-me à mesa. E tentar formar alianças antes de lançar ataques. Estabelecer contacto com os outros cinco comandantes supremos no mundo.

Porque eu até posso falar pela América do Norte, mas e o resto do mundo? E a América do Sul? A Europa? A Ásia? A África? A Oceânia?

Então, organiza uma conferência internacional de líderes, aconselhou-me ele.

Fala.

O primeiro objetivo deve ser a paz, disse-me.

— Eles devem estar a morrer de curiosidade — garantiu-me o Castle. — Uma rapariga de 17 anos que domina a América do Norte? Uma adolescente que mata o Anderson e se declara governante deste continente? Menina Ferrars, deve saber que tem uma grande vantagem neste momento! Use-a em seu proveito!

— Eu? — ripostei, espantada. — Como é que tenho vantagem? O Castle suspirou.



— É certamente muito corajosa para a sua idade, menina Ferrars, mas lamento ver a sua juventude tão inextricavelmente ligada à inexperiência. Vou tentar ser claro: tem uma força sobre-humana, uma pele quase invencível, um toque letal, apenas dezassete primaveras, e derrubou sozinha o déspota desta nação. E ainda assim duvida que possa ser capaz de intimidar o mundo?

Fiz uma careta.

— Velhos hábitos, Castle — justifiquei-me, em voz baixa.  
— Maus hábitos. Tem razão, claro. Claro que tem razão.

Ele fitou-me com um olhar sério.

— Tem de compreender que o silêncio unânime e coletivo dos seus inimigos não é nenhuma coincidência. Estou certo de que estiveram em contacto uns com os outros... certamente combinaram usar esta abordagem... porque estão à espera de ver o que fará a seguir. — Abanou a cabeça. — Eles estão à espera do seu próximo passo, menina Ferrars. Imploro-lhe que o escolha bem.

Então, ando a aprender.

Fiz como ele sugeriu e há três dias enviei uma mensagem através do Delalieu e contactei os outros cinco comandantes supremos do Restabelecimento. Convidei-os a encontrarem-se comigo aqui, no Setor 45, para uma conferência de líderes internacionais, a realizar-se no próximo mês.

Apenas quinze minutos antes de o Kenji entrar de rompante no meu quarto, tinha recebido a primeira resposta.

A Oceânia disse que sim.

E não sei bem o que isso significa.



# DOIS

## WARNER

**U**ltimamente não tenho sido eu.

A verdade é que sinto que há muito tempo que não tenho sido eu mesmo, tanto que começo a perguntar-me se alguma vez o soube. Fito-me, sem pestanejar, no espelho, com o ruído do trabalhar da máquina de cortar cabelo a ecoar pela divisão. Vejo o meu rosto refletido apenas de forma ténue, mas o suficiente para ver que perdi peso. Tenho as bochechas encovadas; os olhos maiores; as maçãs do rosto mais pronunciadas. Corto o meu próprio cabelo em movimentos ao mesmo tempo lúgubres e mecânicos, com os restos da minha vaidade a caírem-me aos pés.

O meu pai está morto.

Fecho os olhos, para me defender da tensão inoportuna que me surgiu no peito, ainda com a máquina de cortar cabelo a zumbir no punho cerrado.

*O meu pai está morto.*

Passaram pouco mais de duas semanas desde que ele foi morto, com dois tiros na testa, por alguém que amo. Ela fez-me a gentileza de o matar. Foi mais corajosa do que eu alguma vez fui e puxou o gatilho que eu nunca consegui puxar. Ele era um monstro. Merecia até pior.



E ainda assim...

*Esta dor.*

Respiro fundo e abro os olhos, grato pelo tempo sozinho; grato, de alguma forma, pela oportunidade de raspar algo, qualquer coisa, da minha própria carne. Há uma estranha catarse nisto.

*A minha mãe está morta*, penso, enquanto arrasto a lâmina elétrica pelo crânio. *O meu pai está morto*, penso, enquanto o cabelo cai no chão. Tudo o que fui, tudo o que fiz, tudo o que sou, foi forjado a partir tanto das ações, como da inércia deles.

Quem sou eu, pergunto-me, na sua ausência?

De cabeça rapada e máquina desligada, apoio-me com as palmas das mãos na borda do toucador e inclino-me, a tentar ainda vislumbrar o homem em que me tornei. Sinto-me velho e inquieto, com o coração e a mente em guerra. As últimas palavras que disse ao meu pai...

— Ei.

Sinto o meu coração disparar quando me viro; depressa volto a esconder o que me afeta.

— Olá — digo, forçando-me a abrandar os braços e a mantê-los firmes, enquanto sacudo os fios de cabelo soltos dos ombros.

Ela olha-me com os olhos grandes, bonitos e preocupados.

Lembro-me de sorrir.

— Como estou? Espero que não muito horrível.

— Aaron — diz ela baixinho. — Estás bem?

— Estou fino — asseguro, e volto-me de novo para o espelho. Passo a mão pelo meio centímetro de cabelo macio e espetado que me resta e pergunto-me como é que o corte consegue fazer-me parecer mais duro — e mais frio — do que antes.

— Embora confesse que nem me reconheço — acrescento, em voz alta, e tento rir. Estou de pé, no meio da casa de banho, só de boxers. Nunca estive tão magro, com as arestas pronunciadas dos músculos tão definidas; e a crueza do meu corpo está agora

emparelhada com um corte de cabelo grosseiro que quase me faz parecer selvagem — e tão diferente do que eu era, que tenho de desviar o olhar.

A Juliette está agora mesmo à minha frente.

Pousa-me as mãos nas ancas e puxa-me para si; tropeço um pouco ao seguir o comando dela.

— O que estás a fazer? — começo a dizer, mas quando me cruzo nos seus olhos, encontro ternura e preocupação. Algo derrete dentro de mim. Relaxo os ombros, puxo-a para mim e respiro fundo ao abraçá-la.

— Quando é que vamos falar sobre aquilo? — questiona ela no meu peito. — Sobre tudo? Tudo o que aconteceu...

Contraio-me.

— Aaron.

— Eu estou bem — minto-lhe. — É só cabelo.

— Sabes que não é disso de que estou a falar.

Desvio o olhar. Olho para o vazio. Ficamos os dois em silêncio por um momento.

É a Juliette quem por fim quebra o silêncio.

— Estás chateado comigo? — sussurra. — Por o ter morto?

O meu corpo congela.

Ela arregala os olhos.

— Não... *não*. — Digo as palavras demasiado depressa, mas são genuínas. — Não, claro que não. Não é isso.

A Juliette suspira.

— Não sei se tens noção disto — acaba ela por dizer —, mas não há problema em chorares a perda do teu pai, ainda que tenha sido uma pessoa terrível. Percebes? — Depois olha para mim. — Tu não és um robô.

Engulo o nó que me cresce na garganta e liberto-me com delicadeza dos braços dela. Beijo-a na face e deixo-me ficar, ali, na pele dela, apenas por um segundo.



— Preciso de tomar um duche.

Ela parece destroçada e confusa, mas não sei o que mais posso fazer. Não é que não adore a companhia dela, mas neste momento estou desesperado por solidão, e não sei outra forma de a conseguir.

Por isso tomo duches. Tomo banhos. Faço longas caminhadas.

Tendo a fazê-lo muitas vezes.



Quando finalmente vou para a cama, ela já está a dormir.

Quero chegar-me a ela, puxar-lhe o corpo macio e quente para o meu, mas sinto-me paralisado. Este meio luto horrível faz-me sentir cúmplice na escuridão. Preocupa-me que a minha tristeza seja interpretada como uma aprovação das escolhas dele — da sua própria existência — e, neste caso, não quero ser mal interpretado, por isso não posso admitir que estou de luto por ele, nem que me preocupo minimamente com a perda do homem monstruoso que me criou. E, na ausência de uma solução saudável, permaneço congelado, uma pedra sensível na sequência da morte do meu pai.

*Estás chateado comigo? Por o ter alvejado?*

Eu odiava-o.

Odiava-o com uma intensidade violenta que nunca mais senti. Mas, o fogo do verdadeiro ódio, apercebo-me, não pode existir sem o oxigénio do afeto. Não me doeria tanto, nem odiaria tanto, se não me importasse.

E é isto, o meu afeto não correspondido pelo meu pai, que sempre foi a minha maior fraqueza. Por isso, fico aqui deitado, a marinar numa tristeza de que nunca poderei falar, enquanto o arrependimento me consome o coração.

Sou órfão.

— Aaron? — sussurra ela, e sou puxado de volta para o presente.





— Sim, querida?

Ela move-se de lado, sonolenta, e toca-me no braço com a cabeça. Não consigo deixar de sorrir quando me ajeito para lhe dar espaço. Ela preenche de imediato o vazio, encosta o rosto ao meu pescoço e abraça-me a cintura com um braço. Fecho os olhos, como que em oração. Sinto o meu coração recomeçar a bater.

— Tenho saudades tuas — diz ela. É um murmúrio que quase não apanho.

— Estou aqui — atendo, e acaricio-lhe o rosto com suavidade.  
— Estou aqui mesmo, amor.

Mas ela abana a cabeça. Mesmo quando a puxo para mais perto, até mesmo quando volta a adormecer, continua a abanar a cabeça.

E pergunto-me se não estará certa.



# TRÊS

## JULIETTE

**E**sta manhã estou a tomar o pequeno-almoço sozinha — sozinha, mas não só.

A sala de pequenos-almoços está cheia de caras conhecidas, todos a pormos a conversa em dia com qualquer coisa: o sono, o trabalho, as conversas que ficaram a meio. Os níveis de energia aqui estão sempre dependentes da quantidade de cafeína que ingerimos e, neste momento, as coisas ainda estão bastante calmas.

O Brendan, que tem estado distraído com a mesma chávena de café toda a manhã, atrai a minha atenção e acena-me. Eu aceno de volta. Ele é o único entre nós que não precisa mesmo de cafeína; o dom que tem para produzir eletricidade também funciona como um gerador de reserva para o seu corpo todo. É a exuberância personificada. Na verdade, aquele cabelo branco e os olhos azuis como o gelo parecem emanar o seu próprio tipo de energia, mesmo do outro lado da sala. Começo a pensar que o Brendan mantém as aparências com a chávena de café sobretudo por solidariedade com o Winston, que parece não conseguir sobreviver sem ela. Por estes dias, os dois são inseparáveis — ainda que o Winston ocasionalmente se ressinta do dinamismo natural do Brendan.

Passaram por muita coisa juntos. Todos nós passámos.



O Brendan e o Winston estão sentados com a Alia, que tem o caderno de desenhos aberto a seu lado, sem dúvida a conceber algo novo e fantástico para nos ajudar em batalha. Estou demasiado cansada para me mexer, senão levantava-me para me juntar a eles; em vez disso, apoio o queixo na mão e observo os rostos dos meus amigos, com um sentimento de gratidão. Mas as cicatrizes nos rostos do Brendan e do Winston levam-me de volta a um tempo que preferia não recordar — a um tempo em que pensámos que os tínhamos perdido. Que tínhamos perdido mais dois. E, de repente, os meus pensamentos são demasiado pesados para o pequeno-almoço. Por isso, desvio o olhar. Tamborilo os dedos na mesa.

É suposto encontrar-me com o Kenji para tomar o pequeno-almoço — é assim que começamos os nossos dias de trabalho — e é a única razão pela qual ainda não me servi de um prato de comida. Infelizmente, o atraso dele já começa a fazer o meu estômago roncar. Vejo toda a gente na sala a cortar pilhas frescas de panquecas fofas, e parecem deliciosas. Tudo tentador: os mini jarros de xarope de ácer; os montes fumegantes de batatas de pequeno-almoço; as pequenas tigelas de fruta acabada de cortar. Se matar o Anderson e tomar conta do Setor 45 nos trouxe alguma coisa, foi muito melhores opções de pequeno-almoço. Mas acho que talvez sejamos os únicos a apreciar as melhorias.

O Warner nunca toma realmente o pequeno-almoço conosco. Praticamente nunca para de trabalhar, nem sequer para comer. Para ele, o pequeno-almoço é outra reunião, e toma-o com o Delalieu, só os dois, e mesmo assim não tenho a certeza de que ele coma alguma coisa. Nunca parece tirar prazer da comida. Para ele, a comida é combustível — necessária e, na maior parte das vezes, irritante — na medida em que precisa dela para o corpo funcionar. Uma vez, enquanto profundamente imerso numa papelada importante durante o jantar, coloquei-lhe um prato com uma bolacha à frente, só para ver o que acontecia. Limitou-se

a olhar-me, voltou a olhar para o trabalho, sussurrou um *obrigado* silencioso e comeu a bolacha de faca e garfo. Nem sequer pareceu estar a gostar. Isto, escusado será dizer, faz dele o completo oposto do Kenji, que adora comer tudo, a toda a hora, e que mais tarde me disse que ver o Warner comer uma bolacha lhe deu vontade de chorar.

Por falar no Kenji, o facto de me ter abandonado esta manhã é mais do que estranho, e começo a ficar preocupada. Estou prestes a olhar para o relógio pela terceira vez quando, de repente, tenho o Adam de pé ao lado da minha mesa, com um ar desconfortável.

— Olá — cumprimento-o, um pouco alto demais. — O que... hum... O que se passa?

Eu e o Adam interagimos algumas vezes nas últimas duas semanas, mas sempre por acidente. Escusado será dizer que é invulgar tê-lo à minha frente de propósito, e estou tão surpreendida que, por um momento, quase não me apercebo do óbvio:

Ele está com mau aspeto.

Abatido. Maltrapilho. Mais do que um pouco exausto. Na verdade, se não o conhecesse, poderia jurar que esteve a chorar. Não pela nossa relação falhada, espero.

Ainda assim, o velho instinto mordisca-me e puxa-me emoções antigas do coração.

Falamos ao mesmo tempo:

— Estás bem...? — vocifero.

— O Castle quer falar contigo — diz ele.

— O Castle mandou-te a *ti* vir buscar-me? — interrogo, já com os sentimentos esquecidos.

O Adam encolhe os ombros.

— Acho que apenas passei pelo quarto dele na altura certa.

— Hum. Está bem. — Tento sorrir. O Castle está sempre a tentar que eu e o Adam façamos as pazes; não gosta da tensão. — Ele disse que me quer ver agora?



— Sim — responde ele, e enfia as mãos nos bolsos. — Agora mesmo.

— Está bem — digo-lhe, e toda a situação é constrangedora. O Adam está só ali parado enquanto pego nas minhas coisas, e quero dizer-lhe para se ir embora, para parar de olhar para mim, que isto é esquisito, que acabámos há séculos e foi *esquisito*, que ele tornou tudo *tão esquisito*, mas depois apercebo-me de que ele não está a olhar para mim. Olha para o chão, como se estivesse preso, perdido algures na própria cabeça.

— Ei... estás bem? — volto a perguntar, desta vez de forma delicada.

Ele levanta a cabeça, surpreendido.

— O quê? O quê, oh... Sim, estou bem. Sabes que, hum... — ele aclara a garganta e olha em volta —, sabes, hum...

— Sei o quê?

O Adam apoia-se nos calcanhares e volta a percorrer a sala com os olhos.

— O Warner nunca está cá para o pequeno-almoço, pois não? As sobranceiras sobem-me para a testa.

— Andas à procura do Warner?

— O quê? Não. Estava só, hum, a pensar. Ele nunca está cá. Percebes? É estranho.

Fico a olhá-lo.

Ele não diz mais nada.

— Não é assim tão estranho — digo com calma, estudando-lhe o rosto. — O Warner não tem tempo para tomar o pequeno-almoço connosco. Está sempre a trabalhar.

— Oh — solta o Adam, e a palavra parece esvaziá-lo. — É uma pena.

— É? — Franzo o sobrolho.

Mas ele parece não me ouvir. Chama o James, que guarda o tabuleiro do pequeno-almoço, encontram-se ao meio da sala



e desaparecem juntos. Não faço ideia do que eles fazem durante todo o dia. Nunca perguntei.



O mistério da ausência do Kenji ao pequeno-almoço é resolvido assim que me dirijo à porta do Castle: estão aqui os dois, pensativos.

Bato na porta aberta por cortesia.

— Olá. Queria ver-me?

— Sim, sim, menina Ferrars — diz o Castle, com entusiasmo. Levanta-se e acena-me para que entre. — Por favor, sente-se. E se puder — ele gesticula para trás de mim —, feche a porta.

Fico nervosa de imediato.

Entro com um passo hesitante no escritório improvisado do Castle e olho para o Kenji, cuja expressão vazia não ajuda a acalmar-me os receios.

— O que se passa? — pergunto. E depois, apenas para o Kenji — Porque não foste tomar o pequeno-almoço?

O Castle faz-me sinal para me sentar.

Assim faço.

— Menina Ferrars — começa ele, com urgência. — Tem notícias da Oceânia?

— Desculpe?

— A resposta. Recebeu a primeira resposta, não foi?

— Sim, recebi — confirmo lentamente. — Mas ainda não é suposto ninguém saber disso... ia contar ao Kenji esta manhã, ao pequeno-almoço...

— Que disparate — interrompe-me o Castle. — Toda a gente sabe. O Sr. Warner sabe, com certeza. E o Tenente Delalieu também.

— O quê? — Olho de relance para o Kenji, que encolhe os ombros. — Como é que isso é possível?



— Não se deixe chocar com tanta facilidade, menina Ferrars. É óbvio que toda a sua correspondência é monitorizada.

Os meus olhos arregalam-se.

— O quê?

O Castle faz um gesto de frustração com a mão.

— O tempo é essencial, por isso, se puder, eu realmente...

— É essencial para *quê*? — questiono, irritada. — Como é suposto eu ajudá-lo, se nem sequer sei do que está a falar?

Ele aperta a cana do nariz.

— Kenji — diz ele, de repente. — Podes deixar-nos, por favor?

— Claro. — O Kenji levanta-se e bate continência de forma sarcástica. De seguida, dirige-se para a porta.

— Espera — interceto-o, e agarro-o pelo braço. — O que se passa?

— Não faço ideia, miúda — garante ele a rir-se, e sacode o braço. — Esta conversa não me diz respeito. O Castle chamou-me aqui há pouco para falar sobre vacas.

— *Vacas*?

— Sim, tu sabes. — Ele arqueia uma sobrancelha. — Gado. Ele tem-me enviado para fazer o reconhecimento de várias centenas de hectares de terras agrícolas que o Restabelecimento mantém fora do radar. Montes e montes de vacas.

— Excitante.

— Na verdade, até é. — Os olhos dele iluminam-se. — O metano faz com que seja muito fácil de seguir o rasto. Faz-nos pensar porque é que eles não fazem nada para preve...

— *Metano*? — vocífero, confusa. — Isso não é um tipo de gás?

— Presumo que não percebas muito de merda de vaca.

Ignoro-o. Em vez disso, interrogo:

— Então foi por isso que não tomaste o pequeno-almoço esta manhã? Porque estavas a olhar para cocó de vaca?

— Basicamente.



— Bem — comento. — Pelo menos, isso explica o cheiro.

O Kenji demora um segundo a perceber, mas quando o faz, semicerra os olhos e cutuca-me na testa com um dedo.

— Vais direitinha para o inferno, sabias?

Eu mostro-lhe um grande sorriso.

— Vejo-te mais tarde? Ainda quero dar o nosso passeio matinal.

Ele solta um grunhido de descomprometimento.

— Vá lá — peço-lhe — desta vez vai ser divertido, prometo.

— Oh sim, muito divertido. — Ele revira os olhos ao afastar-se e volta a bater continência com dois dedos ao Castle. — Até logo, senhor.

O Castle despede-se com um aceno de cabeça e um sorriso divertido.

O Kenji ainda demora um minuto para finalmente sair pela porta e fechá-la atrás de si, mas nesse minuto, o rosto do Castle transforma-se. O sorriso fácil, os olhos ansiosos: desapareceram. Agora que estamos completamente sozinhos, o Castle parece um pouco abalado, um pouco mais sério. Talvez até mesmo... assustado?

E vai direto ao assunto.

— Quando a resposta chegou, o que dizia? Havia alguma coisa memorável no bilhete?

— Não. — Franzo o sobrolho. — Não sei. Se toda a minha correspondência é monitorizada, não deveria já saber a resposta a essa pergunta?

— Claro que não. Não sou eu que lhe vigio o correio.

— Então quem o anda a fazer? O Warner?

O Castle fita-me diretamente.

— Menina Ferrars, há algo de muito invulgar nesta resposta. — Hesita. — Especialmente por ser a primeira e, até agora, única resposta.

— Ok — digo, confusa. — O que tem de invulgar?





O Castle olha para as mãos. Depois para a parede.

— O que sabe sobre a Oceânia?

— Muito pouco.

— Quão pouco?

Encolho os ombros.

— Consigo apontá-la num mapa.

— E nunca lá esteve?

— Está a falar a sério? — Lanço-lhe um olhar incrédulo.

— Claro que não. Nunca fui a lado nenhum, lembra-se? Os meus pais tiraram-me da escola. Passaram-me pelo sistema. Acabaram por me atirar para um manicómio.

O Castle respira fundo. Fecha os olhos e diz, com muito cuidado:

— Havia algo de memorável na nota que recebeu do comandante supremo da Oceânia?

— Não — repito. — Nem por isso.

— Nem por isso?

— Acho que foi um pouco informal? Mas não ach...

— Informal, como?

Desvio o olhar, a tentar lembrar-me.

— A mensagem foi mesmo breve — explico. — Dizia: *Mal posso esperar para te ver*, sem assinatura nem nada.

— «Mal posso esperar para te ver»? — repete o Castle, de súbito intrigado.

Eu aceno com a cabeça.

— Não «mal posso esperar para te *conhecer*» — diz ele —, mas sim «mal posso esperar para te *ver*».

Volto a confirmar com a cabeça.

— Como disse, um pouco informal. Mas, pelo menos, foi educada. O que acho ser um sinal bastante positivo, levando tudo em consideração.

O Castle suspira fundo enquanto se vira na cadeira. Está agora de frente para a parede, com os dedos cruzados debaixo do queixo.

Observe-lhe os ângulos agudos do perfil, quando ele diz em voz baixa:

— Menina Ferrars, o que é que o Sr. Warner lhe contou sobre o Restabelecimento?



# QUATRO

## WARNER

**E**stou sozinho sentado na sala de conferências, a passar casualmente a mão sobre o meu corte de cabelo novo, quando chega o Delalieu. Traz um carrinho de café pequeno consigo, com o sorriso tépido e trémulo com que me habituei a contar. Ultimamente, os nossos dias de trabalho têm sido mais ocupados do que nunca; felizmente, não tivemos tempo para discutir os pormenores incómodos dos acontecimentos recentes, e duvido que alguma vez o façamos.

Por esse facto, sinto-me eternamente grato.

Este é um espaço seguro para mim, com o Delalieu, onde posso fingir que as coisas na minha vida mudaram muito pouco.

Ainda sou comandante-chefe e regente dos soldados do Setor 45; continua a ser meu dever organizar e liderar aqueles que nos ajudarão a enfrentar o resto do Restabelecimento. E com esse papel vem a responsabilidade. Temos feito uma grande reestruturação, ao mesmo tempo que coordenamos os nossos próximos passos, e o Delalieu tem sido fundamental nesses esforços.

— Bom dia, senhor.

Aceno uma saudação enquanto ele serve uma chávena de café a ambos. Um tenente como ele não precisa de servir o próprio café de manhã, mas acabámos por vir a preferir a privacidade.



Bebo um gole do líquido preto — aprendi recentemente a gostar do seu sabor amargo — e recosto-me na cadeira.

— Alguma atualização?

O Delalieu aclara a garganta.

— Sim, senhor — começa ele, e apressa-se a devolver a chávena de café ao pires, entornando um pouco. — Bastantes esta manhã, senhor.

Inclino a cabeça.

— A construção da nova estação de comando está a correr bem. Esperamos terminar todos os pormenores nas próximas duas semanas, mas os quartos privados estarão prontos para serem ocupados amanhã.

— Ótimo. — A nossa nova equipa, sob a supervisão da Juliette, é agora composta por muitas pessoas, com muitos departamentos para gerir e, com a exceção do Castle, que tem um pequeno escritório para si mesmo no andar de cima, até agora todos eles têm usado as minhas instalações de treino pessoais como sede central. E apesar de esta ideia ter parecido prática no início, as minhas instalações de treino só são acessíveis através dos meus aposentos privados; e como agora o grupo circula livremente pela base, é frequente entrarem e saírem das minhas instalações sem avisar.

Escusado será dizer que está a deixar-me louco.

— Que mais?

O Delalieu verifica a sua lista e diz:

— Conseguimos por fim reunir os ficheiros do seu pai, senhor. Demorámos este tempo todo a localizar e a recuperar a maior parte deles, mas deixei as caixas no seu quarto, senhor, para que as abra quando achar melhor. Pensei — ele aclara a garganta —, que talvez gostasse de dar uma olhadela aos restantes pertences pessoais dele, antes de serem herdados pela nossa nova comandante suprema.

Um temor pesado e frio enche-me o corpo.

— Receio que sejam bastantes — continua o Delalieu. — Todos os seus registos diários. Todos os relatórios que alguma vez preencheu. Até conseguimos localizar alguns dos seus diários pessoais. — Ele volta a hesitar. Depois, num tom que só eu sei decifrar: — Espero que as notas dele lhe sejam úteis, de alguma forma.

Olho para cima e encontro-lhe o olhar. Vejo nele inquietação. Preocupação.

— Obrigado — digo, baixinho. — Quase me tinha esquecido.

Um silêncio desconfortável instala-se entre nós e, por um momento, nem um nem o outro sabe bem o que dizer. Ainda não falámos sobre isto, sobre a morte do meu pai. A morte do genro do Delalieu. O marido horrível da sua falecida filha, a minha mãe. Nunca falamos do facto do Delalieu ser meu avô. Que é o único tipo de pai que me resta no mundo.

Não é o que fazemos.

É então com uma voz vacilante e pouco natural que o Delalieu tenta retomar o fio da conversa.

— A Oceânia, como... como tenho a certeza de que já ouviu, senhor, disse que iria participar numa reunião organizada pela nossa nova senhora, a senhora suprema...

Aceno com a cabeça.

— Mas os outros — continua ele, com as palavras a saírem-lhe depressa — não responderão enquanto não falarem consigo, senhor.

Com isto, arregalo os olhos de forma perceptível.

— Eles são... — o Delalieu volta a pigarrear — bem, senhor, como sabe, eles são todos velhos amigos da família e... bem, eles...

— Sim — sussurro. — Claro.

Desvio o olhar para a parede. Com o maxilar de súbito cerrado com uma contração de frustração. Secretamente, já estava à espera



disto. Mas, após duas semanas de silêncio, começava a ter esperança de que talvez eles continuassem a fazer-se de parvos. Não recebi qualquer comunicação por parte destes velhos amigos do meu pai, nem condolências, nem rosas brancas, ou cartões de pêsames. Nenhuma correspondência, como costumava ser o nosso ritual diário, das famílias que conheço desde criança, as mesmas que são responsáveis pelo inferno em que vivemos agora. Pensava que tinha sido, feliz e misericordiosamente, afastado.

Pelos vistos, não.

Pelos vistos, a traição não é um crime suficiente para que me deixem em paz. Pelos vistos, as muitas missivas diárias do meu pai, onde expunha a minha «obsessão grotesca por uma experiência», não foram razão suficiente para me expulsarem do grupo. O meu pai adorava queixar-se em voz alta, adorava partilhar com os velhos amigos os seus muitos desgostos e desagradados, as únicas pessoas vivas que o conheciam cara a cara. E todos os dias humilhava-me perante as pessoas que conhecíamos. Fazia com que o meu mundo, os meus pensamentos e os meus sentimentos parecessem pequenos. Patéticos. E todos os dias eu contava as cartas que se acumulavam na minha caixa de correio, cartas daqueles mesmos velhos amigos que me pediam para que visse a *razão*, como eles lhe chamavam. Para me lembrar de mim próprio. Que deixasse de envergonhar a minha família. Que ouvisse o meu pai. Que crescesse, que me tornasse um homem e parasse de chorar pela minha mãe doente.

Não, estes laços são demasiado profundos.

Fecho os olhos para conter a correria de rostos e memórias da minha infância, e instruo-o:

- Diz-lhes que entrarei em contacto.
- Não será necessário, senhor — diz Delalieu.
- Desculpa?
- Os filhos de Ibrahim já estão *a caminho*.



Acontece depressa: uma paralisia súbita e breve dos meus membros.

— O que queres dizer com isso? — questiono, mal conseguindo manter-me calmo. — *A caminho* de onde? Daqui?

O Delalieu acena com a cabeça.

Uma onda de calor inunda-me o corpo tão depressa que só me apercebo de que estou de pé quando tenho de me agarrar à mesa para me apoiar.

— Como é que se *atrevem*? — protesto, ainda, de alguma maneira, agarrado ao limite da compostura. — O seu completo desrespeito... Acharem-se no direito...

— Sim, senhor, compreendo, senhor — anui e concorda o Delalieu, com um novo ar aterrorizado — é apenas... como sabe... a maneira de ser das famílias supremas, senhor. Uma tradição consagrada pelo tempo. Uma recusa da minha parte teria sido interpretada como um ato aberto de hostilidade... e a Senhora Suprema instruiu-me que fosse diplomático o máximo de tempo possível, por isso pensei... pensei... Oh, lamento muito, senhor...

— Ela não sabe com quem está a lidar — comento, com firmeza. — Não há diplomacia com esta gente. A nossa nova comandante suprema podia não ter forma de o saber, mas tu... — acuso, mais chateado do que zangado — devias saber melhor. A guerra teria valido a pena só para evitar isto.

Não levanto a cabeça para ver a reação dele quando diz, com a voz a tremer:

— Peço imensa, imensa desculpa, senhor.

Sem dúvida, uma tradição consagrada pelo tempo.

O direito de chegar e sair era uma prática há muito acordada. As famílias supremas eram sempre bem-vindas nas terras umas das outras, a qualquer altura, sem



necessidade de convites. Quando o movimento era jovem, tal como as crianças, as nossas famílias mantiveram-se firmes. E agora essas famílias — e respetivas crianças — governam o mundo.

Isto foi a minha vida durante muito tempo. Na terça-feira, um encontro para jogar na Europa; na sexta-feira, um jantar na América do Sul. Os nossos pais loucos, todos eles.

Os únicos *amigos* que alguma vez conheci vinham de famílias ainda mais loucas do que a minha. Não tenho qualquer desejo de voltar a ver qualquer um deles.

E, no entanto...

Meu Deus, tenho de avisar a Juliette.

— Quanto... quanto à questão dos civis — tenta o Delalieu trazer um novo assunto —, tenho andado em conversações com o Castle, a seu, a seu pedido, senhor, sobre a melhor forma de proceder em relação à transição para fora... para fora dos complexos...

Mas o resto da nossa reunião matinal passa num borrão.



Quando consigo libertar-me da sombra do Delalieu, volto direto aos meus aposentos. É onde a Juliette costuma estar a esta hora e espero apanhá-la para a avisar, antes que seja tarde demais.

Demasiado cedo, sou intercetado.

— Oh, hum, ei...

Olho em frente, distraído, e paro de imediato onde estou. De olhos arregalados, só um bocadinho.

— Kent — cumprimento-o, em voz baixa.

Uma avaliação rápida é tudo o que preciso para perceber que ele não está bem. Na verdade, tem um aspeto horrível. Está mais magro do que nunca; tem umas olheiras escuras. Está completamente desgastado.





Pergunto-me se lhe pareço o mesmo.

— Estava a pensar — começa ele, e desvia o olhar, com um ar apreensivo. Antes de continuar, pigarreia. — Estava, hum... — volta a aclarar a garganta — estava a pensar se poderíamos falar.

Sinto um aperto no peito. Fito-o por um instante, tomando nota dos seus ombros tensos, o cabelo despenteado e as unhas demasiado roídas. Ele vê-me a olhar e enfia rapidamente as mãos nos bolsos. Mal consegue olhar-me nos olhos.

— Fala — consigo dizer.

Ele acena com a cabeça.

Expiro fundo, baixinho, devagar. Não dissemos uma palavra um ao outro desde que descobri que somos irmãos, há quase três semanas. Pensei que a implosão emocional daquela noite tinha terminado da melhor maneira possível, mas tanta coisa aconteceu desde aquela noite. Ainda não tivemos oportunidade de voltar a abrir a ferida.

— Fala — repito. — Claro.

Ele engole em seco. Olha para o chão.

— Fixe.

E, de repente, vejo-me impelido a fazer uma pergunta que nos inquieta a ambos:

— Estás bem?

Ele levanta a cabeça, atónito. Tem os olhos azuis esbugalhados e vermelhos, raiados de sangue. A maçã de Adão balança-lhe na garganta.

— Não sei com quem mais falar sobre isto — sussurra ele. — Não conheço mais ninguém que possa compreender...

E eu percebo. Tudo de uma vez.

Eu compreendo.

Quando vejo os olhos dele de súbito toldados de emoção.

Quando o vejo tremer os ombros, mesmo quando ele tenta manter-se firme...



Sinto os meus próprios ossos a chocalhar.

— Claro — digo-lhe, o que me surpreende a mim mesmo.

— Vem comigo.



# SERÁ JULIETTE CAPAZ DE CONTROLAR O SEU PODER E USÁ-LO PARA O BEM?

**Juliette** acreditava ter vencido.  
Assumiu o controlo do Setor 45,  
foi nomeada **nova Comandante Suprema**  
e agora conta com **Warner** a seu lado.

Mas, afinal, ela ainda é a rapariga  
com o poder de matar com um só toque...  
e tem agora o mundo todo na palma da sua mão.

Quando a **tragédia** se instala,  
Juliette vai precisar de **confrontar a escuridão**  
em seu redor e dentro de si própria.



A apaixonante história de Juliette e Warner  
continua no explosivo quarto livro  
da série bestseller *Shatter Me*.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

📱 seekthebutterfly.pt  
📱 secretsocietypt  
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-787-227-3



9 789897 872273

